VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

O QUE SOBROU DA HISTÓRIA COM A PASSAGEM DO FURACÃO CHAMADO MICHEL FOUCAULT

José Cunha Lima*

Isabela Almeida Cunha**

Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo.

Friedrich Nietzsche, 1887.

Em plena década de 1960, a história e os historiadores estavam presos a um sistema de pensamentos que nos havia organizado no mundo. Em que as classes sociais e os seus conflitos nas inúmeras formas assumidas pelas relações sociais e econômicas, vigentes no modo de produção dominante no interior de nossa formação social influenciavam a historiografia a partir do marxismo. Portanto, o historiador tinha uma função a cumprir; que era de "compreender o passado, recuperando sua necessidade interna, recontando ordenadamente os fatos nessa temporalidade sequencial ou dialética, que facilitaria para todos a compreensão do presente e a visualização de futuros possíveis". (RAGO, 1995, p. 2)

---

* Especialista em História Cultural (2011) pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III. Professor contratado de Português e História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Ribeiro de Lima, no município de Riachão, Estado da Paraíba.

** Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III. Professora contratada de História e Química da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Ribeiro de Lima, no município de Riachão, Estado da Paraíba.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Todavia, nesse período, surgem as ideias de Michel Foucault (1926 - 1984), um historiador–filósofo que questionou a rápida apropriação daquilo que podia servir diretamente à produção historiográfica recente, e a posterior, a exemplo do conceito de poder disciplinar. Um excelente questionamento para se pensar as formas da dominação no cotidiano da vida social, forçando a refletir sobre a abrangência do pensamento a partir do poder e da verdade. Pois "a 'verdade' está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem". (FOUCAULT, 1979, p. 14)

Entretanto, o filósofo-historiador não se restringiu apenas a questionar o poder e a verdade. Ele também se aprofundou em discussões com a institucionalização da loucura e o aprofundamento do estudo da genealogia propalada por Friedrich Nietzsche.

FOUCAULT NA CASA DOS LOUCOS

Em meio à teoria marxista de como produzir a História; Foucault lançou em 1961, A História da Loucura. Que tinha o intuito de buscar no final do século XVIII, a elaboração dos conceitos de loucura, justamente no período onde todos celebravam a conquista da liberdade e dos ideais democráticos estabelecidos pela Revolução Francesa.

Com o livro Ele buscou compreender a invenção da prisão e das modernas tecnologias de dominação. Deslocando o foco para as margens da história, para a exposição dos avessos, apresentando o resultado de uma sofisticação nas formas de dominação e do exercício da violência. A prática científica existente nessa época se oficializava no discurso que diz:

> Nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo o momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que, no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. (FOUCAULT, 1979, p. 113).

Para o filósofo, existe uma geografia (espaço) da verdade. E há uma "tecnologia" intrínseca nas conjunções que lhe permitem produzir como um acontecimento. Poderíamos encontrar na nossa história toda essa "tecnologia" desta

ISBN: 978-85-98711-10-2

verdade, um levantamento de suas localizações, calendário de suas ocasiões, saber dos rituais no meio dos quais se produz(ia).

Exemplo desta "tecnologia"; aquela que achamos de forma muito elaborada na noção médica de crise que se prolongou até o fim do século XVIII. A crise era concebida e exercida no momento em que a doença surgia. É o momento em que o processo doentio se desfaz de seus entraves, se liberta de tudo aquilo que o impedia de completar-se e de decidir o seu futuro.

A crise pode ocorrer sem o médico, mas se este quiser intervir, que seja segundo uma estratégia que se imponha à crise como momento da verdade. "No pensamento e na prática médica, a crise era ao mesmo tempo momento fatal, efeito de um ritual e ocasião estratégica". (FOUCAULT, 1979, p. 114)

Um movimento em certo sentido autônomo, mas do qual o médico pode e deve participar. Mas deve também colhê-la como se fosse uma ocasião, para que possa inserir nela sua ação. A constatação disso é sem dúvida um dos processos mais importantes na História da Verdade. A verdade/constatação é um acontecimento que se produz como podendo ser de direito repetido sempre e em toda parte. É esta forma singular de produção da verdade que foi recobrindo as outras formas de produção da verdade.

Nossa civilização ao longo dos séculos definiu a existência de toda uma tecnologia da verdade que foi pouco a pouco sendo desqualificada, recoberta e expulsa pela prática científica e pelo discurso filosófico. Portanto, a verdade é o acontecimento. Ela não é encontrada, mas sim suscitada, produzida a partir de interpretações. A verdade não se dá por mediação de instrumentos, mas sim provocada por rituais e ardis. É uma relação de luta belicosa por controle e dominação baseada nas relações de poder. "Assim, a experiência da loucura, a experiência da doença, a experiência da criminalidade ou da sexualidade foram alguns desses lugares de experiências cuja história procurou fazer". (FONSECA, 2012, p. 16)

Quanto à prova dessa verdade, vemos que pode desaparecer. O lugar onde se produzirá a doença será o laboratório. Mas, aí a doença não se efetua numa crise. Reduz-se seu processo a um mecanismo que pode ser aumentado, e se coloca como um fenômeno. A prova se transforma em teste na estrutura técnica do laboratório e na representação do médico. A prática do internamento no começo do século XIX

ISBN: 978-85-98711-10-2

coincidiu com o momento em que a loucura é percebida menos com relação ao erro do que com relação à conduta regular e normal. Momento em que aparece não mais como julgamento perturbado, mas como desordem na maneira de agir, de querer ser livre. Enfim, em vez de se inscrever no eixo verdade-consciência, se inscreve no eixo vontade-liberdade.

No hospital, o médico é produtor da verdade e que desaparece na estrutura de conhecimento. Desde o fim do século XIX se colocou em questão o poder do médico, e o efeito que produzia sobre o doente, e mais ainda que seu saber e a verdade daquilo que dizia sobre a doença. A "desmedicalização" da loucura é correlata deste o questionamento primordial do poder.

E no mesmo instante se encontra aberto o problema da eventual libertação da loucura em relação a esta forma singular de poder-saber que é o conhecimento. É possível que a produção da verdade da loucura possa se efetuar em formas que não sejam as da relação de conhecimento. De fato, ela se coloca concretamente todos os dias a propósito do papel do médico, do sujeito depositário do estatuto do conhecimento ou do micro poder sobre a loucura.

O FURACÃO FOUCAULT

Voltando para a discussão histórica, todas as teorias históricas tradicionais consideradas seguras, a partir da passagem do furacão Foucault e o vento de suas ideias, foram radicalmente abaladas por preceitos que deslocava o intelectual dos seus espaços e funções; questionando radicalmente seus próprios instrumentos de trabalho e seus modos de operação. "Para Foucault, a História é resultado de jogos múltiplos, de inúmeros afrontamentos entre forças e saberes, ela é fruto da emergência de uma dispersão de acontecimentos que são resultado do embates, que emergem em meio a forças litigantes". (ALBUQUERQUE JR; 2007, p. 167)

O efeito de tão avassaladora crítica provocou reações diferenciadas. Uns buscaram a revitalização das ideias marxistas por intermédio do historiador Edward Thompson, baseados na teoria da História Social. Ou procuraram entende-lo.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Foucault pensa a escrita da História como a elaboração de um discurso que, como qualquer outro, não está permanentemente submetido ao poder, nem oposto a ele. (...) O discurso da História tanto pode veicular e produzir poder, reforçá-lo, como pode vir a miná-lo, debilitá-lo e permitir barrá-lo. (Idem, p. 174).

Foucault, com suas ideias revolucionárias, demonstrou um sentido histórico, de que nada do que é humano deve escapar ao campo de visão, de expressão e de exploração do historiador. Tanto que, a partir desse princípio, novos objetos de pesquisa-observação como a loucura, a prisão, instituições disciplinares, corpo e sexualidade ganharam visibilidade histórica, mas sem esquecer o símbolo, o cultural, as mentalidades e as sensibilidades.

Pensemos com isso nos inúmeros desdobramentos das produções acadêmicas suscitadas pelas problematizações foucaultianas. Pois Ele projetou olhares sobre campos que até então eram ignorados pela historiografia e que, segundo muitos pesquisadores, nem sequer poderiam ser historicizados. Entretanto, não há como negar a importância que ganhou os procedimentos teóricos e metodológicos a partir da noção de poder difundida por Foucault. Ou como ratifica Albuquerque Jr. (2007, p. 170): "A História seria fruto das batalhas em torno do poder e da verdade".

Entretanto, Foucault não ficou imune as influências das correntes historiográficas do seu tempo. Filiando-se aos *Annales*, defendendo com isso uma história-problema, com um trabalho de pesquisa histórica que servisse para iluminar e responder a uma problematização colocada pelo historiador, que desenharia no percurso aberto pelo próprio objeto de investigação, ou seja, consistia em atribuir-se um objeto e tentar resolver sucessivamente os problemas que este colocava.

Ele preferia partir de um problema para procurar determinar o âmbito do objeto para resolvê-lo. Partindo desse princípio, os objetos históricos ou sujeitos emergiam das construções discursivas, ao invés de serem tomados como ponto de partida para a explicação das práticas sociais, dinamizando com isso a busca pela história. "A História seria movimento, seria ação crítica, invenção constante de novos lances, mesmo que seus sujeitos estejam limitados por regras, por normas, tenham que obedecer a regulamentos". (ALBUQUERQUE JR; 2007, p. 173)

ISBN: 978-85-98711-10-2

Retornando às bases teóricas de Foucault, não há dúvida de que para os historiadores, seu maior impacto veio da maneira pela qual Ele interrogava a história mais do que os temas que problematizassem. Tratava-se, então, de uma nova maneira de pensar a história, de ver o evento (fato histórico) e as categorias que construíam o discurso historiográfico. Propondo repensar como haviam sido construídas e instituídas culturalmente as referências paradigmáticas da modernidade em relação ao próprio social, às posições dos sujeitos, ao poder, às formas de produção do conhecimento feitas até então.

A GENEALOGIA DE NIETZSCHE À FOUCAULT

A genealogia trabalha com os pergaminhos embaralhados que várias vezes foram reescritos. Para a genealogia se torna indispensável demonstrar na singularidade dos acontecimentos aquilo que é tido como não possuindo história. A genealogia exige uma minúcia do saber que requer muita paciência. Ela deve construir suas verdades. Em suma a genealogia não se opõe à história como a visão altiva e profunda do filósofo, ela se opõe ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleológicas[13].

Nietzsche quando discute a genealogia recusa, pelo menos em certas ocasiões, a pesquisa da origem. Primeiramente, pesquisa a essência exata da coisa, nesse sentido, se esforça para recolher nela sua identidade. Procurar a origem é tentar reencontrar uma imagem, enfim, uma identidade primeira. O genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica.

A história ensina a ir à busca da origem. Gosta-se de acreditar que o objeto ou fato histórico em seu início se encontrava em estado de perfeição. A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo. Mas o começo histórico é baixo. Nesta articulação inevitavelmente perdida onde a verdade das coisas se liga a uma verdade do discurso que logo a obscurece, e a perde. A verdade, espécie de erro que tem a seu favor o fato de não poder ser refutada, sem dúvida porque o longo

---

[1] Doutrina que considera o mundo como um sistema de relações entre meios e fins. Argumento, conhecimento ou explicação que relaciona um fato com sua causa final. (Ferreira, 1999, p. 1938).

ISBN: 978-85-98711-10-2

cozimento da história a tornou inalterável. A questão da verdade, a maneira pela qual alternadamente ela foi acessível aos sábios. A verdade e seu reino originário tiveram sua história na história.

O genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem. É preciso saber reconhecer os acontecimentos da história. É preciso ser metafísico para lhe procurar uma alma na idealidade longínqua da origem. Temos que marcar melhor o objeto próprio da genealogia. São ordinariamente traduzidos por sua origem, mas é preciso tentar a reconstituição de sua articulação própria. A genealogia não pretende recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de mostrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início.

A análise genealógica dos cientistas registra cuidadosamente os fatos, que demonstra ou refuta; logo revelará a "papelada do escrivão" ou as defesas do "advogado" ligada a objetividade da história. A genealogia como análise da proveniência, está, portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo. A genealogia restabelece os diversos sistemas de submissão: não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações.

Quais são as relações entre a genealogia definida como pesquisa e o que se chama habitualmente história? A genealogia é designada por seu sentido histórico. A história teria uma função de recolher em uma totalidade bem fechada sobre si mesma a diversidade do tempo. Essa história constrói um ponto de apoio fora do tempo; ela pretende tudo julgar. Se o sentido histórico se deixa envolver pelo ponto da metafísica pode retomá-lo por sua conta. O sentido histórico escapará da metafísica para tornar-se um instrumento privilegiado da genealogia, ou seja, ele não se apoia sobre um ponto absoluto.

A história faz ressurgir o acontecimento no que ele pode ter de único. É preciso entender por acontecimento não por uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação. Mas o verdadeiro

ISBN: 978-85-98711-10-2

sentido histórico reconhece que nós vivemos sem referências ou sem coordenadas originárias, em miríades de acontecimento perdidos. O poder de inverter a relação foi estabelecido pela história tradicional em sua fidelidade à metafísica.

A história tem mais a fazer do que ser serva da filosofia e do que narrar o nascimento necessário da verdade e do valor; ela tem que ser o conhecimento diferencial das energias e desfalecimentos, das alturas e desmoronamento, dos venenos e contravenenos. Uma das características da história é a de não escolher: ela se coloca no dever de tudo compreender sem o fazer diferença. Nada lhe deve escapar, e também nada deve ser excluído. A objetividade do historiador é a intervenção das relações do querer no saber e é ao mesmo tempo a crença necessária na providência, nas causas finais, e na teologia.

Nesse caso, pode-se enunciar que o historiador pertence à família dos ascetas. E para tanto, é necessário saber:

> O que significam ideais ascéticos? – Para os artistas nada, ou coisas demais; para os filósofos e eruditos, algo como instinto e faro para as condições propícias a uma elevada espiritualidade; para as mulheres, no melhor dos casos um encanto mais de sedução, um quê de *morbidezza* na carne bonita, a angelicidade de um belo e gordo animal; para os fisiologicamente deformados e desgraçados (a maioria dos mortais) uma tentativa de ver-se como "bons demais" para este mundo, uma forma abençoada de libertinagem, sua grande arma no combate à longa dor e ao tédio; para os sacerdotes, a característica fé sacerdotal, seu melhor instrumento de poder, e "suprema" licença de poder. (NIETZSCHE, 1998, p. 87)

Fazer da história um uso que a liberte para sempre do modelo metafísico e antropológico da memória. O bom historiador, ou o genealogista saberá o que é necessário pensar de toda esta mascada verdade. O uso da história está ligada a dissociação sistemática de nossa identidade. O primeiro resultado é que nós compreendemos nossos semelhantes como sistemas inteiramente determinados e como representantes de culturas diversas. A história, genealogicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade.

ISBN: 978-85-98711-10-2

O QUE RESTOU DA HISTÓRIA?

Foucault questionou a História. Dizendo que a ela deveria descrever a dispersão e não apenas o passado. Pois a própria tarefa do historiador contemporâneo é se relacionar com seus eventos e meios, na busca da melhor forma de construir o conhecimento. Portanto para Ele, os eventos históricos não existem como dados naturais, bem articulados, obedientes às leis históricas e esperando para serem revelados pelo historiador. Sendo assim um evento ou fato histórico só ganha historicidade na trama em que o historiador debruce sobre todas as hipóteses. Entretanto para muitos estudiosos:

> "Foucault é sempre tratado como um invasor do campo, como alguém que, inclusive, quis acabar com a História, mesmo que tenha dedicado toda a sua vida a fazê-la, e tenha se mostrado um praticante criativo de nosso *métier*, estimulando uma ampla produção na área." (ALBUQUERQUE JR; Idem, p. 180).

Finalizando, Foucault contribuiu para a história fazendo críticas ao essencialismo histórico e ao conceito de verdade. Revitalizando em seus conceitos o que a história tradicional tratava de apagar, por causa da continuidade evolutiva do ser humano e da história como ciência. Todavia, a maior contribuição do filósofo-historiador foi o novo conceito e importância dada ao poder. Que segundo Ele está em todas as partes, sendo algo repressor, mas também produtor de efeitos de verdade e saber, constituído por meio de práticas e subjetividades humanas. Pois ele afirma que tanto o saber, quanto o poder não são feitos para se compreender, mas sim são feitos para cortar. (FOUCAULT, 1979).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A História em Jogo: A Atuação de Michel Foucault no Campo da Historiografia**. In: História – A Arte de Inventar o Passado: Ensaios de Teoria da História. São Paulo: EDUSC, 2007.

FONSECA, Marcio Alves da. **Foucault: A Escravidão da Norma**. In: Revista Cult, Filosofia contra o sistema. São Paulo: Editora Bregantini, Janeiro de 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ISBN: 978-85-98711-10-2

_____. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich**. Genealogia da Moral**: Uma Polêmica. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O'BRIEN, Patrícia**. A História Cultural de Michel Foucault**. In: HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RAGO, Margareth. **Foucault um Pensamento Desconcertante**: E o Efeito na historiografia brasileira. São Paulo: UNICAMP, 1995.

ROUANET, Paulo Sergio. **Foucault e a Modernidade**. In: As Razões do Iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.